

TURMA DA BARRA

15 de julho
concluído

Editor: Heider Moraes

Ano VIII

BRASÍLIA-DF

de março a julho de 1997 - nº 81

1997

POLÍTICA

GERAL

Salário de prefeito maior que presidente

O salário mensal do prefeito de Barra do Corda, de R\$ 12 mil e 500 reais, é maior do que o do presidente da República, que corresponde a R\$ 11 mil e 500 reais.

Mas o TB apurou que o salário do prefeito está de acordo com a legislação vigente municipal. Na sessão de 25 de novembro de 1996, sob a presidência do então vereador Sinval de Sousa, a Câmara Municipal aprovou a remuneração do chefe do executivo cordino.

Nas cidades co-irmãs de Barra do Corda, recentemente emancipadas, também os prefeitos têm salários que chamam a atenção.

Em Jenipapo dos Vieiras, o salário alcança R\$ 7 mil reais. No município de Fernando Falcão, R\$ 3 mil e 800 reais. Tudo conforme aprovação das respectivas câmaras municipais.

No setor administrativo, o prefeito Manoel Mariano Nenzin faz um trabalho de aprovação popular. Asfaltou ruas, limpou a cidade de lixos, reformou escolas, além de reorganizar toda a área que envolve o Mercado Público. A Barra ganhou um visual novo.

Mas na área política Nenzin não tem alcançado êxito. Tem maioria na Câmara, mas a mesa diretora pertence a oposição. (Pág.03).

BR-226

Até setembro Começam obras

Até setembro, o trecho de 120 Km da BR-226, entre Barra do Corda e Grajaú, começa a ser asfaltado.

Quem afirma ao TB é o deputado estadual Mercial Arruda (PFL). Explicou que no momento sete empresas de construção estão concorrendo no processo de licitação do asfaltamento da rodovia.

Calcula o deputado que em dezembro próximo, entre o natal e ano-novo, será inaugurado o asfalto entre Barra do Corda e Grajaú. "É o trecho mais difícil", observa. Leia mais pág.07.

CRISE POLÍTICA

Barra tem duas Câmaras

Numa sessão tumultuada, em 12 de junho, os vereadores da situação, que apoiam o prefeito Manoel Mariano Nenzin, resolveram criar outra Câmara Municipal, presidida pelo vereador Joaquim Veríssimo.

Tudo isso em razão de denúncias de funcionários do próprio legislativo, que alegam que oficialmente ganhavam um salário mínimo, mas só recebiam R\$ 70 reais. Foi então pedida uma CPI e a destituição da mesa diretora. (Mais pág. 03)

LEIA TAMBÉM

- 1 Garotos de Programa
- 2 Bissexuais e Aids (pág.09)
- 3 Férias e atrações (pág. 12)
- 4 Olímpio Cruz (pág.11)
- 5 Artigos e Colunas

MEIO DA TURMA

Casamentos:

□ - Nara Rúbia Oliveira com Marcelo Frederico Bastos. Ela é filha de Neide e Ruben Santos Oliveira. Em Brasília, dia 24 de maio;

□ - Marli com Sidney Milhomem Filho. Ele é filho de Clélia Franco e Sidney Milhomem (falecido). Em Barra do Corda, dia 12 de julho;

□ - Munira Amuda Franco com Ernesto Cordella. Ela é filha de Ana Amélia Amuda (falecida) e Carlos Augusto Franco. Em Roma - Itália, dia 25 de julho.

Concorrido

Concorrido o casamento de Nara e Marcelo. Mexeu com a colônia barra-cordense de Brasília. Pela riqueza de detalhes e beleza, nota máxima.

Catedral

Na Catedral de Brasília os noivos trocaram alianças ao som de uma orquestra sinfônica.

Recepção

Uma mansão no Lago Sul (bairro nobre) foi especialmente preparada com direito a manobristas, uísques e vinhos importados, quitutes variados e um jantar de categoria internacional.

Beleza

O casamento de Nara e Marcelo Bastos fica na memória da colônia de Brasília como um dos mais belos já ocorridos.

Selos

Enviaram selos ao TB: Aciran Martins, Itamar Arruda, Manoel Pereira, Maria Clemência Damião, Sonia Milhomem, Francisco Brito, Espírito Santo Araújo, Milne Freitas, Belchor Carvalho, Antonio Brasil e José Merval Cruz.

Formatura

Formou-se em pedagogia pela Universidade Católica, Evanilson Araújo Santos, filho de Maria do Espírito Santo Araújo e Vanildo dos Santos. Em Brasília, dia 4 de abril.

2º Científico

Os alunos do 2º ano científico do Colégio N. S. de Fátima da Barra repetem experiência do ano passado e publicam a segunda edição do "Jornal Juventude Alerta".

Jornal

Os 35 alunos pautaram o "Juventude Alerta" repercutindo o tema da Campanha da Fraternidade da igreja Católica deste ano: os presos e seus presídios.

Livros

A brasiliense Judite Araújo Carvalho doou mais de 100 livros à Biblioteca Municipal cordina. Merece aplausos.

Ao Leitor

Digno de nota as ações administrativas do prefeito Manoel Mariano Nenzin nestes primeiros seis meses à frente do governo municipal barra-cordense.

O prefeito asfaltou ruas, retirou lixo e animais do perímetro urbano, estabeleceu o funcionamento à contento do recolhimento de lixo, pintou meios-fios, reformou colégios, o Mercado Público, enfim, resgatou providências e serviços que há muito a cidade vinha a exigir.

Alguém dirá que é pouco. Que nestes seis meses quase 2,5 milhões de reais entraram nos cofres da Prefeitura. Mas o bom senso pede que se lembre que até bem pouco tempo o poder executivo municipal não funcionava como serviço público. Administrações

perdulárias revezavam-se no poder a ponto de uma delas inclusive sofrer processo de impeachment. O lixo urbano em alguns locais tornara-se cartão-postal.

Mas um fato chama a atenção da opinião pública. O prefeito de Barra do Corda tem salário maior do que o presidente da República. O prefeito Nenzin ganha 12 e 500 reais. E o presidente Fernando Henrique, 11 mil e 500 reais.

Vale também dizer que esse salário do prefeito Nenzin é legal. Foi aprovado pela Câmara Municipal em novembro de 1996, sob a presidência do vereador Sinval de Sousa.

De qualquer forma fica a pergunta: um prefeito pode ganhar salário maior do que o presidente da República?

Heider Moraes

TB INFORME TB

Fundo de Participação dos Municípios: em junho, o FPM repassado à Prefeitura barra-cordense foi de R\$ 299 mil, 670 reais e 7 centavos.

De janeiro a junho, a Prefeitura recebeu de FPM, R\$ 2 milhões, 140 mil, 344 e 69 centavos.

Jenipapo dos Vieiras e Fernando Falcão receberam em junho, cada um, a quantia de R\$ 56 mil, 225 reais e 65 centavos.

De janeiro a junho, **Jenipapo dos Vieiras e Fernando Falcão** receberam, cada um, 401 mil, 314 reais e 64 centavos.

Salário Mínimo vale a partir de 01 de maio R\$ 120,00.

Inflação medida em junho pelo IPC/FIPE foi de 1,42%.

Poupança renderá em 25.07, 1,0786%. Dia 28.07, 1,0023%. Dia 01.08, 1,1613%. Dia 03.08, 1,0753%. Dia 05.08, 1,05338%.

Informação: Mandi Brasil é o encarregado e distribuidor do "TB" em Barra do Corda. Ele é vendido na Mercearia do Barata (Mercado Público), no Bar do Pancinha (na Tresidela) e avulsamente pelas ruas da cidade.

Preço deste exemplar em Barra do Corda: R\$ 1,00.

TURMA DA BARRA

Editor: Heider Moraes

Caixa Postal nº 09872 - Brasília - DF - cep 70001-970

Opiniões e matérias assinadas são de exclusiva responsabilidade dos autores.

Nenzin faz seis meses de governo

O prefeito Manoel Mariano Nenzin completou seis meses à frente da Prefeitura cordina.

Na parte administrativa, o prefeito colecionou resultados significativos. Asfaltou 7 Km de ruas no centro da cidade, Tresidela e Altamira. Recuperou escolas, reformou o Mercado Público, destacando-se na implantação do serviço de limpeza urbana.

Pelo interior, além de reformas em escolas, faz recuperação de estradas vicinais. Trabalha na implantação de seis poços artesianos. Os dois primeiros são os do Centro dos Ramos e Barro Branco.

Quer também construir três represas com mais de 300 horas de trator. Na prática são açudes bem profundos. Assim, mantém a perenidade da água o ano inteiro.

Da Telma viu instalado depois de maio centenas de terminais telefônicos na cidade. Amplia o número de postos telefônicos no interior. Naru e São José do Mearim estão na lista.

Do governo estadual, conseguiu R\$ 5 milhões de reais para a Estação de Tratamento de Água. Uma obra paralisada desde o governo da prefeita Darci Terceiro, em 1988.

Na área federal, resgatou convênios com o Ministério da Educação e assistiu o lançamento do edital de licitação para a conclusão asfáltica da BR-226, entre Barra do Corda e Porto Franco.

Conforme o vereador Edmar Linhares, em segundo mandato e com curso superior incompleto, o prefeito Nenzin com serviços básicos "mudou o visual da cidade."

No cenário político, o prefeito não conseguiu fazer a mesa diretora da Câmara Municipal. Mas dos 15 vereadores, dispõe de 10 em sua base de sustentação.

O vereador da oposição Itamar Batista, vice-presidente da Câmara, denuncia a tentativa de implantação de um rolo compressor. "Estão querendo calar minha boca e do Adão" (Nunes, vereador).

E os vereadores?

A Câmara Municipal barra-cordense é constituída de 15 vereadores. Comparando com a anterior a atual foi renovada em mais de 70%.

Dez vereadores fazem parte da base de sustentação do prefeito Manoel Mariano Nenzin. Os outros cinco compõem a oposição.

Num lance de esperteza política, entre o natal e ano-novo, a oposição dominou a mesa dire-

tora da Casa. A situação nunca engoliu o fato. A troca de farpas em sessões é corriqueira.

Do lado da oposição, nestes primeiros seis meses os opositoristas Itamar Batista e Adão Nunes têm se destacado.

Na situação, as revelações são o Sargento Vieira, Gil Lopes e Edmar Linhares.

Em tempo: não agressão física, só verbal.

Política

Quinta-feira, 12 de junho, na Câmara Municipal - em pleno dia dos namorados - houve a sessão do racha. Duas Câmaras passaram a existir a partir de

□□□

O imbróglio continua. Os vereadores da situação entram com liminar. A oposição também. Tudo pelo comando da mesa diretora. Por enquanto a oposição ganha a parada.

□□□

O que está em jogo são as eleições do próximo ano. O grupo de Elizeu Freitas tem a presidência da Câmara. O de Marcos Pacheco, a vice-presidência. O prefeito Nenzin nece. A maioria, mas sem o poder.

□□□

Nessa discussão salarial, o vice-prefeito cordino ganha 80% do salário do prefeito. Trocando em miúdos, R\$ 10 mil reais.

□□□

O TRE maranhense cassou mandatos de dois prefeitos. O de Pedreiras, Edmilson Filho, por abuso de poder econômico. E o de Tutóia, Egídio Conceição, por crime eleitoral. Ficam porém no cargo até o TSE se pronunciar.

□□□

Os barra-cordenses Antonio Soares e Milne Freitas fazem parte de mutirão, ajudando na construção de casas populares no bairro de Samambaia.

□□□

Um dos dois têm chances de conseguir legenda no PT de Brasília, candidatando-se a deputado distrital.

□□□

Algumas frases do prefeito Tonhão, de Caroebe-Roraima, barra-cordense da gema, de passagem por Brasília:

- "Brasília tem dinheiro sim. Falta é projeto."

- "É necessário a vinda do prefeito a Brasília pelo menos de dois em dois meses."

□□□

Tonhão com Fundo de Participação em média de R\$ 35 mil reais está sendo considerado como melhor prefeito de Roraima.

□□□

Correção:

- O vereador Itamar Batista corrige informação curricular publicada pelo TB: ele tem certificado de conclusão do 2º grau;

- Rigo Sousa, filho do prefeito Nenzin, não é chefe de gabinete, garante Hermógenes Sousa, médico e membro da família.

CARTAS

Prezado Heider,

Por aspectos conjunturais vários, somente agora, após o vencimento da assinatura do "TB", eis-me aqui para renová-la.

E o faço pela importância de que se reveste este veículo de comunicação em todos os aspectos por ele abordados e que vão da literatura, preservação do meio ambiente, busca pela qualidade de vida e o principal, pelos aspectos político-sociais relativos a Barra do Corda, teminha sofrida e que jamais merecia alguns poucos que passaram por sua prefeitura e por sua vereância, assim como o consequente atraso / regressão em direção contrária à modernização que eles acarretaram.

Ao renovar esta assinatura, creio inclusive estar reverenciando tantos e vários cidadãos daquela teminha, Barra do Corda, que independentemente de status social, contribuíram para a sua história e o seu folclore e que, naquela terra ou a partir dela, buscaram um real e verdadeiro objetivo para as suas vidas, dentro das circunstâncias de cada um, até o dia em que partiram desta, como foi o caso dos meus pais.

Ao renovar esta assinatura, renovo também minhas esperanças de que este periódico continue em sua linha editorialista e no aprimoramento de sua linha combativa e independente.

Que este periódico continue e seja capaz, como já demonstrado, de ir além das fronteiras geográficas pura e simples, mas acima de tudo, seja capaz de expandir as fronteiras da consciência de cada cidadão barra-cordense e de seus descendentes em termos de luta e de busca por melhores padrões cívicos e éticos para aquela comunidade, padrões esses mais do que nunca necessários à hora atual, do mundo cibernético, do mundo "on line", do mundo em tempo real, padrões éticos e cívicos estes mais do que nunca merecidos.

Grande Heider, aqui te deixo o meu abraço e o meu até mais.

José Pirangy Soares

Taguatinga - DF

Senhor Redator,

Quando criança em Barra do Corda, frequentemente ouvia os mais velhos falarem sobre o massacre do Alto Alegre. Embora curioso, nem de longe avaliava o significado histórico, o valor cultural, e mais ainda, a noção que as famílias dos implicados, os políticos e a igreja católica tinham do episódio. Em 1995, de férias na

cidade, consegui um velho exemplar do livro de Olímpio Cruz, "Cauré Imana". Devorei. Hoje não me conformo em deixar a coisa na mesmice.

Gostaria que a nação cordina espalhada pelo mundo, os políticos da cidade, os leitores do "Turma da Barra" e demais interessados refletissem sobre o assunto, pois fatalmente chegarão ao "x" do mapa da mina.

Trata-se de uma belíssima história que, marcada pelas veias poéticas e históricas do respeitado Olímpio Cruz, já deveria fazer parte do currículo escolar, no mínimo do Maranhão, e estar incluída no rol dos grandes nacionais: Balaiada, Farrapos, Alfaiates, Cabanagem, Canudos, Palmares, etc.

O pensamento voa e interliga automaticamente: Carla Camurati, Centro Histórico de São Luís, secretário de Cultura do Maranhão, o filme "Carlota Joaquina", a facilidade de adaptação da paisagem original de 1901, aldeias, índios, florestas, rios, etc. Tudo isso somado ao bom momento que ora vive o cinema brasileiro.

Entenderam? Isso não é utopia. É perfeitamente factível. Já pensaram? A nossa cidade, nosso povo, nossa história, nossa luta e nosso orgulho num grande filme, levando um pouco das nossas raízes ao Brasil e ao mundo?

Acho que todos podem ajudar nessa empreitada. Eu mesmo poderia ir à Carla Camurati. Porém, o secretário estadual de Educação e Cultura do Maranhão, que ajudou muito à Carla é quem deve concentrar os incentivos e até as pressões para implementar a idéia. Seria também uma merecida glória ao super Olímpio que, sem dúvida, teria mais orientações sobre a obra. Para começar, o atual secretário de cultura de Barra do Corda poderia marcar um gol de placa encaminhando a matéria para seu colega estadual apreciar. O assunto virando notícia na cidade já dá um ar de reivindicação e pressão. Daí pra frente é consequência.

Vamos nessa juntos. "Sonho que se sonha sozinho é apenas um sonho, mas o sonho que sonhamos juntos é realidade."

Antônio Brasil

Rio de Janeiro - RJ

Caro Heider,

Gostaria de receber o jornal Turma da Barra. Estou mandando 40 selos postais. Grato.

Aciole Ferreira Filho

Curitiba - PR

Punição nas Urnas

*Marcelo Peres

Três de outubro de 1996, Barra do Corda, mais uma vez o eleitor cordino foi às urnas para a escolha do novo prefeito e dos novos vereadores e, como em dezembro de 1995, quando ocorreu o afastamento do prefeito Elizeu Freitas, novamente, o eleitor cordino revelou um amadurecimento político ao renovar quase que por completa a Câmara de Vereadores, uma vez que, os vereadores do pleito passado (1993-1996) foram um dos principais culpados pela incompetente e desastrosa administração de Elizeu Freitas, administração essa que o levou a ser afastado de suas funções, por motivos que vão desde salários atrasados do funcionalismo até o uso irregular de verbas públicas, caracterizando improbidade administrativa e, consequentemente, levou Barra do Corda ao caos, ao atraso total.

No entanto, todas as irregularidades cometidas pelo ex-prefeito Elizeu Freitas, durante os seus três anos à frente da prefeitura, foram autorizados pela Câmara de Vereadores, sendo que, as principais funções da mesma é aprovar o orçamento da prefeitura e fiscalizar a aplicação das verbas públicas, coisa que não foi feita. Somente depois de várias manifestações populares e de muita pressão, é que perceberam que não daria mais para mantê-lo no cargo e, resolveram afastá-lo, mas, já era um pouco tarde.

Quanto ao prefeito eleito, Nenzin, apesar do abuso econômico e de estar "aliado" ao ex-prefeito Elizeu Freitas, não podemos desmerecê-lo de seus méritos e qualidades, pois, é muito competente na arte de administrar e, se tiver o empenho e a dedicação que sempre teve frente às suas empresas, com certeza, Barra do Corda tenderá ao progresso.

Com isso, Barra do Corda está de parabéns nesta eleição e, esperamos que os novos vereadores tomem consciência de suas funções e deveres, assumindo suas responsabilidades perante o povo, fazendo valer as leis, pois eleitor apostou na mudança, esta representada pela Câmara de Vereadores.

*Marcelo Milhomem Peres, 24, é economista residente em Brasília.

Crise Política

Sessão tumultuada

Uma sessão tumultuada e confusa foi aquela do 12 de junho que até os dias de hoje repercute.

Nela os vereadores que compõem o grupo que apoia o prefeito Manoel Mariano Nenzin decidiram criar uma CPI, bem como uma outra Casa legislativa.

Tudo começou com denúncias de funcionários da própria Câmara, que alegavam assinar recibo equivalente a um salário mínimo, mas na prática só recebiam R\$ 70 reais.

O pedido de uma CPI para investigar o fato gerou toda polêmica. A mesa diretora, composta por vereadores opositores, entendeu que na verdade era uma manobra para se tomar o poder. Afinal, raciocinavam, caso trabalhista re-

solve-se entre as partes. Se houver necessidade com a justiça trabalhista.

A partir daquela sessão os dois grupos bateram às portas da justiça. Liminares foram negadas e concedidas. Afinal, preliminarmente, manteve-se a mesa diretora anterior, com o vereador Eli Freitas na presidência até o julgamento em definitivo da questão.

Mas a CPI continua também por decisão judicial. O presidente é o vereador Sargento Vieira e o relator Edmar Linhares. Ela terá três meses para apresentar relatório final.

Enquanto isso farpas são disparadas entre os grupos. Novos episódios estão marcados para agosto. Em julho, a Câmara Municipal está em recesso.

Música:

da Barra ao Brasil

Num show especial feito no clube AABB, sexta-feira, quatro de julho, o cantor cordino Ezequiel fez o lançamento do seu primeiro CD.

Em Brasília, de sexta à sábado, 11 e 12 de julho, o cantor maranhense Zeca Baleiro é aplaudido de pé. Baleiro é considerado a revelação musical do ano no país.

Na cidade de Grajaú, entre 17 a 19 de julho acontece a 12ª versão do Festival de Música. 59 músicas concorrem aos prêmios de R\$ 2 mil reais.

O cordino Ezequiel já tinha lançado com sucesso em 1995 seu primeiro trabalho musical gravado em fita cassete. Vendeu mais de mil fitas. Por isso, resolveu investir em CDs.

No show de lançamento na AABB, Ezequiel apresentou a sua própria filha Adriana Amuda, 13 anos, que tem participação especial no CD como cantora.

Zeca Baleiro, que nasceu em Arari, disse ao TB que em setembro quer fazer show no teatro Artur Azevedo, onde ele começou sua carreira em 1989.

Fatos

□□□

Uma nova equipe de notícias tem a TV Cordina. O comando é de Zequinha Bocão.

□□□

Os ex-integrantes da TV Cordina migraram para a TV Mearim. Elbio e Toinho dão o toque de qualidade da emissora atrelada ao governo municipal.

□□□

A rádio Difusora (antiga Guajajara) a cada dia adquire credibilidade e audiência invejáveis. Tem no comando o experiente jornalista e acadêmico Nonato Cruz.

□□□

O poeta Rubem Milhomem começa trabalho de pesquisa de fôlego. Quer catalogar em cinco anos a vida e obra de todos os vultos sagrados da literatura cordina.

□□□

No lançamento do seu CD, Ezequiel faz uma boa revelação em uma de suas músicas. A letra é de Jesus Arruda. Uma poesia densa e da alma.

□□□

A Prefeitura vai fazer concurso público. São mais de 500 vagas.

□□□

Quem tem dificuldades em comprar um imóvel novo ou usado é recomendável se dirigir à Caixa Econômica. Peça informações sobre a Poupança de Crédito Imobiliário. Coisa nova.

□□□

Em São Luís não deixe de conhecer na praia do Caolho o bar e restaurante Zanzibar. Um dos pontos de encontro dos barra-cordenses na Ilha.

□□□

Na Barra um empresário deverá patrocinar a primeira Barra-Folia. Carnaval fora de época inventado pelos baianos.

□□□

Não convide para mesma mesa os vereadores Sargento Vieira e Itamar Batista. Sobrará verborragia.

□□□

Qualquer problema relacionado com terras (grilagem, malandragem, invasão) denuncie gratuitamente pelo telefone 0800-610214.

□□□

Faz um ano dia 21 de julho da morte de Márcio Vieira Nascimento, 18 anos. Há um ano a cidade toda se comoveu. O autor do assassinato continua foragido da justiça há um ano.

O TB publica artigo do jornalista e escritor Frei Betto, refletindo sobre o significado da Campanha da Fraternidade deste ano.

A Igreja vai às celas

Inicia-se na quarta-feira de cinzas a Campanha da Fraternidade promovida pela CNBB. O tema é A Fraternidade e os Encarcerados, o lema, Cristo liberta de todas as prisões.

A igreja Católica traz a público o debate sobre as condições carcerárias no Brasil, o anacronismo de nosso Poder Judiciário, o despreparo das polícias quanto aos direitos humanos. Mas não só. São também prisões, no sentido bíblico, a doença, a miséria, a falta de esperança, a deturpação da sexualidade, a corrupção, os preconceitos étnicos e raciais.

A campanha toca num ponto nevrálgico: a mesma mídia que acusa a Igreja de proteger bandidos, e mostra pela TV a dor das vítimas, veicula violência em filmes e novelas. Como evitar o estupro, se anúncios de telessexo sugerem que o prazer reside no corpo de uma desconhecida? Como reduzir crimes com armas de fogo, se o governo permite que elas sejam vendidas na esquina, os traficantes e os capangas de latifúndio possuem armas privadas das Forças Armadas e os enlatados da TV exaltam como heróis os que dão muitos tiros?

Não haveria tantas pessoas violentas se não houvesse uma cultura da violência. "Toda pessoa é maior que sua culpa", frisa a CNBB. É fácil encher a boca de preconceitos quando se tem casa, trabalho e roupa lavada. Mas quando o desemprego e falta de escolaridade levam ao desespero e, deste, à prostituição e ao crack, quem se lembra de questionar o governo sobre sua política de empregos e perguntar onde estão as escolas para os menores que encham as ruas?

O censo penitenciário de 1994 registra uma população carcerária de 129.169 presos para 59.954 vagas, ou seja, 2,15 pessoas por vaga. Os homens são a grande maioria: 96,31%. Desses 68% têm menos de 30 anos; 95% são muito pobres; e 85% não têm recursos para contratar advogados. Ao contrário do que brada o preconceito, a maioria é branca: 56%.

É a miséria que produz o bandido? Também, mas não só. A soma do dinheiro roubado por toda a população carcerária do Carandiru, com mais de 8 mil homens, não chega a 10% da fortuna embolsada, nos últimos 30 anos, pelos criminosos de colarinho-branco: propinas, desvios de verbas, sonegações, anões do Orçamento, comissões ilegais, etc. Todos em pleno gozo de liberdade, graças à impunidade e à inoperância do Poder Judiciário.

Em 1996, o latifúndio, por meio de jagunços e policiais, assassinou 50 sem-terra. Só neste início de ano, 6. Ninguém se encontra atrás das grades. E, agora, o governo federal promete recolher armas no sul do Pará, tendo o cuidado de, antes, tomar pública a decisão, para que os arsenais sejam mais bem escondidos...

Sob a ditadura militar, estive encarcerado 4 anos, 2 como preso comum, na penitenciária do Estado (SP), no Carandiru, e na penitenciária de Presidente Venceslau. Sei que a maioria dos presos é recuperável. Ocorre que, exceto o heróico trabalho da Pastoral Carcerária, de igrejas Evangélicas e de instituições como a Apac, quase nada se faz nesse sentido. Os carcereiros ganham mal e são despreparados para lidar com os

detentos. Muitos preferem o argumento da força à força do argumento. O judiciário é lerdo na condução dos processos e o executivo pouco se preocupa em tirar os reclusos da ociosidade. As oficinas são precárias e a prática de esportes, limitada. O ócio favorece o consumo de drogas, a guerra de quadrilhas, a violência sexual, os assassinatos por arma branca. A delegacia funciona como escola primária do crime; a casa de detenção, como segundo grau; a penitenciária, como universidade.

O prisioneiro é recuperável. Se houvesse cursos profissionalizantes nas cadeias, inclusive corrupção, com redução de pena proporcional ao avanço curricular; se os talentos artísticos fossem incentivados; os esportes, incrementados; se os carcereiros aprendessem um mínimo de psicologia e a respeitar os direitos humanos; e a comunidade superasse seus preconceitos e fosse aos cárceres, o índice de reincidência cairia muito.

No fundo, somos todos presos: de tabus, da pretensão de ser melhores do que os outros, do assassino que habita o nosso coração e criva de ódio o motorista à frente que nos dá uma fechada, da ideologia que execra o bandido pobre no Aqui Agora e exalta o rico no Fantástico.

A Campanha da Fraternidade ressalta que Jesus veio libertar a todos. Por isso, identificou-se com os prisioneiros: "Eu estava na prisão e vocês foram me visitar" (Mateus 25, 36). Mas quem é capaz de reconhecer a face de Jesus no rosto de um encarcerado?

* Frei Betto é escritor, autor entre outros do livro *Cartas da Prisão*.

BR-226

Asfalto em setembro

Pelo andamento do processo de licitação da BR-226, trecho Barra do Corda - Porto Franco, até setembro inicia-se o asfaltamento da rodovia.

Esta é a expectativa do deputado Mercial Arruda (PFL), que acompanha diuturnamente a luta pelo asfaltamento da rodovia.

O deputado explicou ao TB que oito empresas de construção se inscreveram para participar da concorrência. Uma não se habilitou por critérios técnicos. Sete portanto estão no páreo.

As propostas financeiras foram abertas em 15 de julho. Todo o material foi enviado ao DER-MA (Departamento de Estradas e Rodagem do Maranhão) para avaliar os critérios técnicos. Até o final de julho o DER deverá se pronunciar a respeito do material das empresas.

Em seguida, nos primeiros 15 dias de agosto tem-se como o prazo necessário para apresentação de algum recurso contestatório. Culminando esse processo com a ordem de serviço. Isso significa que já se pode começar a trabalhar.

Duas empresas apresentaram propostas tentadoras. A Sucesso e a Ducol.

A Sucesso, do grupo João Claudino, deverá trabalhar no trecho Barra do Corda - Grajaú. Para concluir os 120 Km, avalia-se que serão gastos R\$ 25 milhões de reais.

No trecho Grajaú - Porto Franco, de 150 Km, a empresa Ducol, do grupo Sarney, deverá asfaltar por R\$ 17 milhões de reais.

O deputado Arruda explica que em razão do terreno entre Barra do Corda e Grajaú ser argiloso, que precisa de drenagem, exigindo condições mais difíceis de trabalho, sairá mais caro.

Também praticamente acertado o local do canteiro de obras. Tudo indica que será em Barra do Corda. Isso para facilitar o recebimento de asfalto que virá de Fortaleza-CE.

O Deputado também não quis antecipar quantos empregos diretos o asfaltamento irá gerar. Estipula-se um número entre 300 a 500, afora os indiretos.

Na conta dos indiretos há de se adicionar o consumo de matéria-prima da região, de gêneros alimentícios e outros matérias. Haverá uma alteração no mercado pelo montante de recursos que serão acrescentados. Isso nos investimentos, principalmente nos agropastoris que por certo já estão chegando só com o anúncio do asfaltamento da rodovia.

A expectativa é enorme. Depois do asfalto aquela região não será mais a mesma. O deputado Arruda aposta que se superará a região de Balsas. "É um novo pólo produtivo", conclui o Deputado.

Notas

□□□

Um furgão, modelo Besta, para 12 passageiros, anda fazendo a ligação Brasília - Barra do Corda. É o fato novo entre as duas cidades.

□□□

O furgão, que ganhou na Barra o simpático apelido de "burra branca", sai de Brasília às quintas, retornando às segundas. O dono chama-se Geraldo. Atende nos telefones (061) 355-4352 (Brasília) - e no (098) 643-1447 (Barra do Corda).

□□□

Esse tipo de serviço, uso de furgão em viagem, já vem acontecendo há mais de um ano entre São Luís e Barra do Corda. Para informações, contate Ornilo: (098) 245-4150 (em São Luís).

□□□

O TB sempre alertou sobre perigo de um incêndio na Barra. Em março quase ocorria uma catástrofe. Um imóvel próximo aos Correios incendiou-se. Há necessidade de um corpo de bombeiros naquela cidade.

□□□

Uma notícia estranha: fala-se que a Prefeitura cordina está cobrando pedágio nas estradas do interior. Naquelas onde são feitas benfeitorias. Para o TB, bastava o sofrimento do homem que sobrevive naquela crítica situação do interior cordino.

□□□

O trânsito na Barra merecia fiscalização eficaz. É costume se ver jovem entre 12 a 16 anos dirigindo. Sem contar os adultos sem habilitação.

□□□

O jornal "O Estado do Maranhão" sugere aos praticantes de voadeiras e de "Caiaque" (canoa para uma pessoa) que a rota Barra do Corda - Pedreiras, pelo rio Mearim, é um roteiro a ser experimentado nas férias.

□□□

O jornal alerta aos esportistas para os galhos de árvores, as correntezas e a curva que o rio faz no Talhado Grande. Um paredão de pedras, forçando o Mearim a desviar seu curso em 90°.

□□□

O jornal "O Estado do Maranhão" deu a maior força para o turismo cordino.

□□□

Começaram os trabalhos de adaptação do imóvel onde residiu o sr Florêncio Brandes na rua Tiradentes. Lá funcionará a Casa da Cultura.

□□□

O "TB" sugere que a Casa seja batizada de professor Galeno Brandes.

A Redonda

*José Merval Cruz (escritor e acadêmico da ABL)

Não sei quando nem que idade tinha, quando começou o meu envolvimento com a bola. Futebol, gude, bilhar, sinuca, voleibol, basquete, andebol, bola militar, tênis, ping-pong, futebol de salão: nenhuma exerceu maior fascínio do que a de futebol.

Conforme a idade e a situação econômica, usei como bola de futebol desde o limão até a oficial Olímpica, nº 5. Limão, bola de meia cheia de algodão, bexiga de porco e de boi, manicoba, borracha e couro, ou qualquer coisa que rolasse, eu ia chutando.

Quanto aos locais que usei para exercitar esta arte, esta técnica, esta mania, este ofício, este vício, este hábito salutar, de manejar a bola com os pés, foram os mais variados. Sei que o comecei no quarto de dormir, que era amplo e onde havia duas portas, uma de defronte da outra. O placar, então, era na parede. A bola era uma meia cheia de algodão, que naquele tempo havia com fartura.

Do quarto de dormir, onde não havia móveis, nem nada mais além das redes de dormir desarmadas, enroladas e penduradas nas escáfulas, passei para o quintal, que oferecia um bom espaço. Do quintal passei para a rua, onde toda a vizinhança participava. Não tardei a atingir as praças, cujas mais amplas e adequadas eram a de Santo Antônio, a um quarteirão da minha casa, e a da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, que ficava a dois quarteirões. Ali havia até jogos oficiais dos atletas, digo, dos adultos, tal a amplitude do espaço e a estratégia que oferecia aos espectadores, pois, as praças supramencionadas eram rodeadas de casas residenciais.

Daqueles locais, para os campos de futebol do Namarioaira, passei. Era o mais antigo clube de futebol que conheci - do Cordino, meu predileto - e do Ypiranga -, foi um passo curto. Aos 13 anos de idade, embora meu físico ainda não tivesse alcançado seu pleno desenvolvimento, já formava ao lado dos melhores da minha faixa etária. Todos os domingos, após o jogo do Cordino Juvenil, quase sempre era convidado a jogar entre os adultos, quando faltava alguém. Jogava, portanto, constantemente, das 14h às 18h, com os intervalos regulamentares.

Quanto à minha resistência, naquela fase, era insuperável, entre os companheiros, porque tive o privilégio de alimentar-me sempre muito bem, além de dispor de recursos, tempo e oportunidade de me exercitar nos mais variados tipos de desportos, trabalhos e diversões. Para minha felicidade, nasci à margem de duas grandes piscinas de água corrente, naturais, permanentes, isto é: a confluência dos rios Corda e Mearim, de águas frias e tépidas, que usava dia e noite,

várias vezes por dia, para nadar, saltar, mergulhar, remar, varejar, passear, pescar e viajar, nas pequenas praias, aproveitava o ensejo para a luta romana, a luta de corpo; porfiava no nado, no fôlego, no mergulho, no salto em altura, ornamental, salto mortal para frente e para trás, dentro d'água, de pé ou de ponta.

Tive oportunidades no hipismo. Comecei montando em carneiros e bezerros. Passei para jumentos e burros. Mas foi no cavalo que consegui as maiores proezas, trabalhando ou divertindo-me. Trabalhando, cheguei a derrubar o boi, em plena praça pública, exibindo-me, e dentro do capinzal quando o gado invadia e era preciso expulsá-lo. Participei de corridas, nas ruas e estradas. Concorri com êxito em cavalhadas.

Se salientei-me e pude destacar-me no futebol, até 36 anos de idade, foi porque soube aproveitar todos os momentos de folga para nadar, correr, saltar em altura e distância, em emulação ou não. Em muitas tarefas que desempenhava diariamente, exercitava meus músculos: cortando lenha no machado, de facão, roçando mato de foice ou de enxada; subindo em árvores ou palmeiras de toda espécie, divertindo-me ou colhendo frutos. Ao pilão, pilando arroz, milho ou sal; conduzindo ao ombro lenha, estacas, madeira, cabaça d'água, lata d'água, pote d'água; conduzindo à vara ou remo, côcho, canoas, igarités.

A dança, a partir dos 14 anos, constituiu, para mim, a diversão predileta, dando-me facilidades de ritmo e cadência para andar, correr e saltar, e sobretudo, facilitou de modo especial, a aproximação com as jovens, as namoradas.

A variedade de tipos de bolas e terrenos proporcionou-me o ensejo de perceber, imprimir e conhecer perfeitamente o efeito da bola, para poder amortecê-la, controlá-la, dominá-la, impulsioná-la, tocá-la, cabeceá-la ou chutá-la. Pela maneira do adversário chutá-la, eu sabia que efeito ela trazia e que direção poderia tomar ao tocar no gramado, no chão duro ou terreno arenoso. Aprimorei naturalmente, com a longa, constante e repetida prática, o senso de antecipação, colocação, mobilidade, precisão, velocidade, pulo, drible, finta.

Como centro-avante, posição da qual nunca me afastei, nem mesmo por experiência, aprendi todos os meios de superar o adversário, afastando-o do meu caminho, escorandoo-o, trancando-o, pulando mais alto, levando-o na corrida ou no corpo-a-corpo.

Até a idade de 36 anos, ou seja, até 1953, joguei futebol sem jamais receber nenhuma

orientação técnica, preparação, educação física, ler regras ou ouvir normas para tocar a bola. Naturalmente treinava em conjunto, para conhecer os parceiros, reconhecer suas tendências e combinar com eles a ocasião e onde jogar a bola para eu ir buscá-la na corrida, na disputa com o adversário.

Na porta das traves, na hora de uma falta ou escanteio, sempre oferecia perigo para o goleiro, porque o alto senso de colocação, o peso e o salto em distância e altura dificilmente eram superados por alguém ou mesmo pelo goleiro, principalmente se era baixo, quando era permitida a carga no mesmo e a gente pulava em cima dele e entrava no gol com goleiro, com bola e quem mais se atrevesse.

Nunca fui exímio driblador, mas a superioridade física, geralmente pelo fôlego, velocidade, senso de colocação, peso, conhecimento de efeito da bola, levavam-me a dominar o adversário e levar a melhor. Meu chute era forte e quase sempre em direção ao gol. Coragem, autoconfiança, duro na queda, forte no ataque, veloz, oportuno e sempre bem equipado, raramente sofri derrotas e quando elas aconteceram, individualmente saí do campo vitorioso pelo meu desempenho, pela minha atuação de destaque. Não sou do tempo dos passos laterais, para trás ou de devolução ao goleiro, jogadas essas que, quase sempre, desagradam a torcida e provocam vaias. Foi assim que, até não mais poder competir, joguei em Barra do Corda, Pedreiras, São Luís, Belém, Recife e Codó.

Em São Luís, observei que o que mais agradava aos meus torcedores era meu indiferentismo diante dos terrores das defesas daquele tempo: Dudu, Farrindo, Gereba, Máquina, Belfort, Domingão e Raimundo Antônio eram perigosos, brutais e respeitados por todos os atacantes, mas eu não os conhecia como tais e os levava no peito, na corrida, no corpo-a-corpo, no empurrão e até na briga e nos palavrões, quando desafiado. Em muitas oportunidades fui tentado a mudar de clube. Desde de criança, quando pertencia ao juvenil do Cordino, dirigido pelo Aluísio Passos Souto, a quem eu tanto admirava como beque do Cordino.

Para conservar a forma física e assim poder manter-me em destaque em todos os jogos que participei, tive que manter-me sempre sóbrio na bebida, no cigarro e na vida sexual. Recebi alguns poucos presentes de torcedores e admiradores. O mais importante foi o grande número de amigos e a popularidade que proporcionou.

Bendita, pois, a BOLA.

A BARRA DO CORDA GAY

Garotos de programa, bissexuais e a AIDS

(Última Parte)

* Rubem Milhomem

Segundo os códigos do mundo gay, os garotos de programa são divididos em quatro grupos. Os ativos que fazem de tudo, mas não beijam na boca (os chamados michês-machos), os ativos que não só beijam como namoram (os *bichês*), os ativos e passivos ao mesmo tempo (os michês-bissexuais), e os totalmente passivos (os michês-gays).

Os michês típicos da Barra são os michês-machos e os *bichês*. Muito raramente pontuam os michês-bi. Já a prostituição masculina passiva, essa ainda está restrita aos travestis - no merecimento do Cai N'Água há dois trabalhando na noite.

A presença dos michês na cena cordina não é um fato recente. Ao longo dos anos, eles foram formando um grupo numeroso e de largo sucesso, o dos *entendidos* - rapazes heterossexuais que saem com homossexuais por prazer - que, ganhando, ora presentes aqui, ora um dinheiro ali, acomodaram-se à exploração sexual do próprio corpo, e acabaram por entrar de cabeça neste que é um movimento social secular e mundial.

Num domingo recente, instalado numa mesa da boate altamirense Hollyday, um graduado observador da sociedade cordina contabilizava, nome por nome, 36 gays cordinos marcando presença na casa. Isso numa lista conservadora - só se admitindo como *titulares* as pessoas com trânsito habitual nas hostes gays e que tivessem histórico homossexual *comprovado* - ou seja, a chamada nata do reduto. "Se cada um ali quisesse sair acompanhado de um garoto de programa, saía", concluiu, com uma dose de exagero e outra de realidade, detectando que é cada vez mais vasto o bloco dos *entendidos* convertidos à linha dos chamados *bofes sbt* - os garotos de programa que topam tudo por dinheiro, e não mais só por sexo.

Na Barra não há propriamente agências de prostituição masculina. O que há são garotos de todas as idades que, discretamente, circulam pelos bares, pelas festas, pelas boates e pelas praças, e que dão sempre um jeitinho de se plantar ao lado de quem lhes interessa. "Fiquei *velha*. Estava no Kadlac e veio um menino perguntar se podia sentar pra beber comigo. Após algumas cervejas, me chamou pra dar uma volta", diz Luciano (*nome fictício*), 29 anos, um barra-cordense que mora em São Luís e passava um fim-de-semana na Barra, porque, segundo ele, "lá o *babado* é forte!".

De fato, sair com um michê cordino, a preços módicos, é tão fácil quanto reconhecê-lo a quinhentos metros de distância. Por cinco, dez reais no máximo, é possível um encontro com aquele rapaz bonito que desfila todo arrumadinho na praça Melo Uchoa - embora não trabalhe, o pai seja carroceiro e a mãe seja lavadeira.

Em menor escala, há, claro, o caso dos que, amigos de gente importante e endinheirada, ganham até um carro - como o ex-caso daquele político famoso -, a conta de telefone e do supermercado pagas todo mês - como o atual caso daquele alto funcionário público -, ou mesmo a mensalidade escolar mais mesada semanal de 50 reais - como o quase caso daquele professor conceituado. Cujos nomes, toda a sociedade sabe, mas, educadamente, não pronuncia - e que constituem enormes exceções. Na dureza do Plano Real, para a grande maioria dos *rapazes de aluguel*, um litro de Dreher, duas fichas de cerveja do balneário Tabocas, ou uma entrada livre na boate Kadlac, por exemplo, já valem.

O que acaba por revelar a questão de fundo da atual explosão dessa, por assim dizer, espécie de *atividade econômica*. Em matéria de capa sobre o assunto, a revista gay *Sui Generis* relata que, segundo o antropólogo Nestor Perlongher, em *O Negócio do Michê - A Prostituição Viril em São Paulo*, um dos mais abrangentes estudos sobre o tema no Brasil, o fenômeno tem várias explicações. Algumas até de complicado cunho psicológico, como a sensação de poder que é subjugar um homem e vê-lo implorando carícias em troca de pagamento. Mas a principal delas continua sendo, sem dúvida, a pura e simples falta de dinheiro.

No caso da Barra, a pobreza estrutural, a falta de emprego e a

falta de perspectiva colocam a cidade não só como *emergente* na área do sexo masculino pago, mas como tradicionalíssima exportadora de mão-de-obra. Quem não vai embora, trabalha, quando trabalha, nos balcões das farmácias e das lojas, na prefeitura, nas oficinas, na construção civil, na roça. Ganhando salários aviltantes.

Veja-se o que diz o michê Roberto (*nome fictício*), 23 anos: "Saí dia desses com um cara e pedi 10 reais, mas o cara tava duro e não tinha. Então pedi que ele descolasse pelo menos dois reais, pra botar de gasolina na minha moto, que estava zerada."

Há quem diga que a cidade sempre foi pobre, e nem por isso era comum se ver, nas gerações anteriores, rapazes cordinos se vendendo pelas esquinas. Mas deve-se levar em conta que até há pouco tempo a Barra simplesmente não tinha uma *noite*, tal a concebemos hoje, ante o quadro flagrante de uma cidade sexualmente mais liberada. Falando-se aqui, evidentemente, da atual geração de cordinos que realmente freqüentam a badalação e vivem o que nela acontece - do elegante bar Colonial ao clube barra pesada Três Sentidos, do bar de adolescentes do Bílio ao obscuro motel Cuscuz. Na roxa do tempo, nunca é demais lembrar que até o final dos anos 70, moca de família só ia a festa no clube Guajajara, por exemplo, se acompanhada pela mãe.

GILETES - Os movimentos sociais que vêm se impondo na Barra trazem à tona não só a explosão gay e o auge dos garotos de programa, mas também colocam em evidência o grupo sexual menos comentado de todos: o dos bissexuais, mais conhecidos entre os cordinos como *giletetes*. O bissexual clássico gosta de homem e mulher ao mesmo tempo, ou de um ou outra, exclusivamente, por algum tempo. E, pela própria natureza de suas preferências, sempre visto com homens e mulheres alternadamente, passa quase sempre despercebido. Mas é cada vez mais comum, na cidade, casos de homens e mulheres que se envolvem, furtivamente ou não, com pessoas do mesmo sexo - mesmos os casados, com pessoas fora do casamento.

Entre as cabeças coroadas da sociedade cordina, por exemplo, há histórias bissexuais aos montes. Há aquela do bancário casado que quase perdeu o emprego porque foi pego na cantina do banco *brincando* com um office-boy. Há aquela das duas belíssimas socialites de família tradicional pegadas no banheiro pela mãe de uma. E, mais recentemente, há também aquela do dono do bar flagrado com um amigo de anos, por um boca-grande, nas imediações do Aeroporto.

Se tanta liberação sexual é boa por um lado, pois as pessoas adquirem um ambiente mais propício para viver como querem, por outro, o lado ruim é a excessiva promiscuidade que vem a reboque da liberdade conquistada gradualmente numa cidade de interior e ainda de fortíssimas bases conservadoras. A impressão imediata e grosseira que se tem ao se percorrer os bastidores da noite cordina é que todo-mundo-sai-com-todo-mundo. O que não é verdade, mas não se está longe disso. Trata-se aqui do perigo da AIDS, evidentemente.

Camisinha é o único remédio, todo mundo sabe. Mas quem usa? "Na hora, ninguém quer usar", diz Maria, enfermeira bissexual. "Incomoda muito", diz José, comerciante heterossexual. "Não gosto, esquenta", diz João, estudante homossexual (*nomes fictícios*). E nesse ritmo a Barra vive seus dias de alegria e oba-oba.

Todos os casos de AIDS de que se teve notícia até agora entre os cordinos são de pessoas que moravam fora da cidade e fora da cidade se contaminaram. Mas isso não significa necessariamente que a Barra está a salvo, por um motivo bem simples - como na cidade não se faz exame de HIV, se um médico local pedi-lo a um paciente, este vai fazê-lo fora. Se der negativo, ótimo, mas se der positivo, a pessoa simplesmente não mostra os resultados ou some do mapa.

Como a suspeita de um médico é sempre uma mera suspeita, não há como se detectar oficialmente um eventual caso da doença.

O MEARIM ESTÁ MORRENDO

* William Figueira

(para a Academia Barra-Cordense de Letras)

Cansado, o Mearim está morrendo,
Pouco a pouco, se faz rio de lama,
Em lodo pestilento já fedendo,
Hoje, quando perdeu a verde rama.

Liros e surubins, olhos vidrados,
Nas remansosas margens, já sem vida,
Barriga para o céu de tão inchados,
Despidos da beleza hoje perdida,

Fedem! Pelo desprezo abandonados!
Governo e povo, gente maranhense,
Erguei-vos, se acaso sois honrados,

Desafogai o velho e nobre rio,
Cujo passado a glória nos pertence.
O rio, outrora morno, faz-se frio...

* William Stead Figueira é poeta cordino, reside em Cabo Frio-RJ.

DESCOMPASSADA

** Luciana Martins

por influência do sono
desembesto,
pelo tempo
marcado
a ponteiro,
desenfreado-me
pela vida
apontada a dedo
(em riste)

Por influência do sono
ensadeço
por não alcançar
o estar,
estatelado-me
ante fatos,
sem artificios
para penetrar
no obrigatório orago
do cotidiano

** Luciana Martins é poeta residente em Curitiba - PR

ORESTES MOURÃO

Pertransiit benefaciendo: passou fazendo o bem (At 10,38)

Aos 102 anos de idade, falece em Salvador-BA, em 22 de janeiro de 1997, o emérito desembargador Orestes Mourão, nascido na cidade de Grajaú-MA, em 2 de março de 1895, uma das figuras mais destacadas na jurisprudência maranhense.

Era filho de Manuel Domingues Mourão e de Clemência Barros Mourão, uma das famílias mais tradicionais e representativas daquela região.

Dotado de vontade férrea, estudou com afinco e esmero, cultivando diligentemente as letras, e, sobretudo, o direito.

Exerceu, com muita dignidade, promotoria pública nas cidades maranhenses de Barra do Corda e Pinheiro. Foi delegado e prefeito de Araisos. Posteriormente, por concurso público, ascendeu à magistratura, exercendo-a com honestidade, eficiência e maestria, nas cidades maranhenses de Porto Franco, Carolina e Imperatriz, simultaneamente. Também em Viana, Grajaú e São Luís, onde conquistou o grau de desembargador.

Em 22 de fevereiro de 1922 é diplomado, em Barra do Corda, deputado estadual, por aquela cidade, juntamente com Marcelino César de Miranda e Frederico Pereira de Sá Figueira, constituindo a histórica trindade parlamentar cordina.

Ao ensejo de seu falecimento, seu genro, reverendo Josué Cintra Damião, compôs-lhe este acróstico:

"Ordeiro, organizado, obediente às leis jurídicas e divinas, operoso e observador foi em ótimas ocupações ocorrentes.

Reservado era, e rico em robusta fé em Deus, raciocínio rápido, refletia; risonho, a todos recebia com real receptividade.

Exemplar caráter diamantino, estudioso eficiente das Escrituras, empenhava-se, esperançoso, em exaltar a excelência do Evangelho de Jesus.

Sincero, sóbrio, sério, singelo, saudável, sereno, sábio, só sabia satisfazer, com suavidade singular, às solenes solicitações a ele submetidas como magistrado.

Traduzia temura; transmitia tranquilidade; transpunha os transtornos com tocante transparência.

Esmerado ente humano, experiências esplêndidas expressava; escritor e poeta exuberante de estro estilístico, externava, enfático, com energia, entusiasmo e eficácia, a sua estirpe educada e encantadora.

Servo submisso do Senhor Jesus, súdito do soberano Rei, símbolo sublime de santidade, singrava serras e sorvedouros, sossegadamente.

Modelo maravilhoso de modéstia, meticuloso, minucioso e magnânimo mestre do direito e das leis; magnífico se mostrava em ministério multifário, como prefeito, deputado, promotor, juiz e desembargador.

Ostentava opulento otimismo, um olhar observador, com objetivos originais e orientadores, opondo-se aos opressores, obstinado em sua opinião.

Ufanava-se da sua família e profissão plena de utilidade à urbe, ungida de universalidade, untada de unidade, no uso de suas prerrogativas de ultimar suas sentenças de juiz e desembargador.

Retilíneo e reto no viver humano; resoluto, responsável e rigoroso em sua radiante religiosidade, ressumbrava rígida renúncia e reflexão, respeito e reverência para com os mais sofridos e carentes.

Alegre, amável, altruísta, ameno, atencioso, afável auditor, amava a Jesus e aos seus queridos com ardor, numa lavura angelical.

O seu maior orgulho estava em seu lar, seus familiares e, igualmente, no cumprimento ordenado do seu ofício e por ter sido oficial da igreja como presbítero (por cerca de 30 anos) e professor da Escola Dominical, oferecendo ao Senhor seus dons odoríferos, olvidando as ofensas, ouvindo aos oprimidos da ordem social, optando pela ordem e ortodoxia doutrinária.

Assim, passa à eternidade esse homem que consumiu toda a sua vida a distribuir justiça, paz e fazer o bem a todos.

*Raimundo Nonato da Silva, 78, é presidente da Academia Barra-Cordense de Letras.

OLÍMPIO CRUZ

INFINITAMENTE POETA

Faz um ano da morte do poeta Olímpio Cruz.

O acadêmico e poeta Francisco Brito, de São Luís, escreve sobre a vida e obra do poeta

Foi com pesar que recebi, em 11 de junho, a notícia oriunda de Brasília, do falecimento do meu padrinho Olímpio Martins Cruz, aos 86 anos, de complicações cardíacas.

A sua morte, em particular, não somente me abalou profundamente, como também ao povo de Barra do Corda, que perdeu seu último consagrado poeta.

Olímpio Cruz foi escritor, trovador, romancista, jornalista, folclorista, indianista e, acima de tudo, poeta dos mais notáveis nos meios literário e cultural maranhense. Nasceu no dia 20 de outubro de 1909, na fazenda Soledade, lugarejo situado à leste de Barra do Corda - atualmente a cidade de Tuntum. Cruz, desde cedo, já demonstrava seus dotes poéticos quando, aos nove anos, escrevia "umas trovinhas".

De família humilde, o poeta nunca atendeu aos apelos do pai, para quem, o estudo era tudo: "... e como que conselhos nunca se toma/ nunca estudei, nem mesmo um curso, nada", sentenciava. Exímio metrificador de versos setessilábicos e alexandrinos, dele muito aprendi, quando iniciei meus primeiros sonetos. Autodidata e dono de uma verve impressionante, Cruz carregava em si o dom gratuito de Deus, não só nas letras, como também no relacionamento humano.

Mudando-se para Barra do Corda, lá consegue um emprego como tipógrafo em "O Norte", oportunidade em que o major Luiz Gonzaga Roland, então diretor do jornal, designa-o para o povoado do Naru, na função de professor primário. Para conseguir lecionar, montava num burro - "viajava 12 léguas" e angariava novos livros. "Lia à noite para ensinar durante o dia e daí partiu para o primeiro soneto", relembrava entusiasticamente. Data dessa época, a sua amizade, com o também genial Antônio Almeida.

Olímpio Cruz foi um grande humanista. Dedicou 25 anos da sua vida aos índios do Maranhão e Pará, espalhados nas tribos Guajajaras, Kanelas, Timbiras e Guajás, sendo por muito tempo Inspetor de Índios

aos Índios), hoje Funai. Foi vereador e presidente da Câmara Municipal; fundou e presidiu o Grêmio Cultural e Recreativo Maranhão Sobrinho e o jornal O Lumiar em sua terra natal.

No ano de 1946, estréia na poesia com o livro "Puturã", um grandioso poema dedicado aos silvícolas. Em 1953, publica "Canção do Abandono". Um marco na literatura barra-cordense. Anos mais tarde, viria a publicar "Rosas do Tempo" (1971), trovas, em parceria com Luiz Antônio; "Vocabulário de Quatro Dialectos Indígenas do Maranhão" (1972), pesquisa; "Clamor da Selva" (1978), poemas e sonetos; "Lendas Indígenas" (1981), em co-autoria com Maria de Lourdes Reis. Vale aqui ressaltar que esse livro fora traduzido para o inglês, sem autorização de Cruz pela Universidade do Colorado, EUA. Por último, publicou em 1982 "Cauré Imana, o Cacique Rebelde", narrando a barbárie de Alto Alegre, travada pelo índios e os missionários capuchinhos nos idos de 1901.

Residindo na capital federal desde os anos 70, Olímpio Cruz inicia nova fase literária. É autor do hino oficial de Barra do Corda, além de composições religiosas e da conhecidíssima "Canção Cordina", todas com arranjos do saudoso maestro Moisés da Providência. Ganhou menção honrosa no concurso literário cidade de São Luís, na categoria "Erudição" pela obra "Vocabulário de Quatro Dialectos Indígenas do Maranhão" e diversos prêmios em concursos de poesias. Foi agraciado com a medalha nacional do mérito indigenista, conferida pelo Ministério do Interior, na comenda de Pacificador.

Pesquisando recentemente no valioso acervo da biblioteca da Academia Maranhense de Letras, com a ajuda da Eline, pude constatar quanto o poeta barra-cordense era importante na literatura maranhense. Biografado em "Enciclopédia de Literatura Brasileira", de Afrânio Coutinho (1986); "Dicionário de Poetas Contemporâneos", de Francisco Igreja (1988) e a "Intellectualidade Maranhense na fase

(1990). Deixa inéditas as obras: "Espinheiros Floridos" (trovas); "Vaqueiros e Arreios"; "Relatório Sertanejo" (poemas folclóricos) e "Cinzas do Tempo" (poesia). Seus trabalhos ainda estão inseridos nas antologias: "A Trova no Brasil" (1975); "Poetas do Brasil" (1976) e o "Anuário de Poetas do Brasil" (1977), todas editadas pelo escritor e jornalista carioca Aparício Fernandes.

Pela sua vasta atividade literária, foi membro efetivo da Academia de Letras de Brasília, cadeira 19; Academia Maranhense de Trovas, cadeira 10; Academia Barra-Cordense de Letras, cadeira 33, Círculo Literário de Brasília; Casa do Poeta Brasileiro; Movimento Poético Nacional; Sociedade de Homens de Letras do Brasil (DF) e União Brasileira de Escritores (SP). Foi membro correspondente do Instituto Histórico de Uruguaiana (RS); Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão e da Academia Internacional de Letras das Três Fronteiras (Brasil, Argentina, Uruguai) em Uruguaiana-RS.

Filiado ao romantismo de Olavo Bilac, Raimundo Correa e Cassimiro de Abreu, Cruz era a própria luz do arrebol, nas letras cordinas, irradiando no sertão agreste maranhense. Foi notório ao lado de outros ilustres conterrâneos como Maranhão Sobrinho, Wolney e Sidney Milhomem e mais recentemente Galeno Brandes. Fazia brotar e vir a luz na escuridão, versos escoreitos de puro sentimentalismo e amor à terra natal.

Com a morte de Olímpio Cruz, a poesia cordina ficará muda e plangente por um bom tempo, ao mesmo instante que encerra-se um valioso ciclo da literatura barra-cordense, deixando uma lacuna sem precedentes. Haverá de seu corpo "inerte" descansar no pó que lhe acolheu. E sua alma iluminada sentar numa cadeira celestial. Que não se cale a voz embevecida do eloquente poeta. Que permaneça vivo o poeta e a sua poesia, cantando em uníssono, eternizados no espaço da saudade.

Francisco Brito é poeta, membro da Academia Barra-Cordense de Letras

TURMA MAIOR

ACADEMIA

A Academia Barra-Cordense de Letras adquiriu em definitivo o imóvel que anteriormente pertencera ao Clube Maranhão Sobrinho.

ESCRITURA

A escritura foi lavrada em Cartório. Começa então a segunda etapa: a construção da sede da ABL.

DOAÇÃO

Para a construção da sede, a ABL está recebendo doações de voluntários. Contribuições devem ser depositadas no Banco do Brasil, Agência 782-x, Conta nº 9473-0.

AOS ACADÊMICOS

O presidente da ABL, Nonato Silva, lembra aos acadêmicos que regularize sua anuidade.

BR-226

Quem trafega pela BR-226 entre Porto Franco e Barra do Corda conta que a estrada está boa. Dá pra fazer em quatro horas De qualquer forma, cuidado com os buracos..

NATAÇÃO

A Academia de Natação Água Vida, do barra-cordense Gilson Pacheco, juntamente com os alunos vem colecionando títulos e mais títulos em Brasília.

JUNINA

Para comemorar os títulos e inaugurar um novo espaço no Clube Vizinhança Guará II, a Água Vida fez uma grande festa junina.

MÚSICA

O cantor Ezequiel acaba de lançar seu primeiro CD, com uma festa de arramba no Clube AABB, na Barra.

FESTIVAL

Na Barra não tem, mas em Grajaú tem. Música em festival. É 12ª versão. São 59 músicas concorrendo aos prêmios de 2 mil reais. A grande final será sábado, 19 de julho.

COMPOSITOR

Estranho: nenhum compositor barra-cordense se inscreveu para concorrer ao Festival de Música de Grajaú. Aliás, estranhíssimo.

PATRIMÔNIO

São Luís recebeu a indicação de que em dezembro será confirmada pelos consultores da Unesco como patrimônio histórico da humanidade.

UNE

A UNE - União Nacional de Estudantes - elegeu no início de julho em Belo Horizonte o maranhense Márcio Jardim, 23, no cargo de vice-presidente. Faz história na UFMA.

Férias sem atrativos

Quem estiver em visita a Barra do Corda nestas férias de julho vai encontrar rodovias de acesso transitável, ruas asfaltadas, meios-fios pintados e serviços de recolhimento de lixo funcionando regularmente. Enfim, só não encontrará um calendário de eventos. Importante para atrair turistas.

Até a BR-226 está conspirando a favor das férias de julho. Entre Porto Franco e Barra do Corda trafega-se com relativa facilidade. Após questões com os índios Guajajara, a rodovia foi restaurada. Novas camadas de cascalho, piçarra, foram colocadas.

Centro

No centro da cidade, algumas ruas estão asfaltadas. O Mercado Público foi reformado. Ganhou pintura nova. Os marchantes atraem curiosos porque passaram a usar batas apropriadas no exercício da função. Uma cidade enfim

adequando-se as exigências dos tempos atuais.

Ao turista porém a cidade fica devendo. Não há ainda um calendário de eventos. Não há programação alguma. Nem esportiva (torneios de voleibol, futebol de areia, descidas de bóias). Nem tampouco cultural (shows, festivais). O poder público, o empresariado não se deram conta da indústria do turismo.

Sobram portanto os rios Corda e Mearim. Durante o dia continuam como principal atração, cativando e mantendo o turista na cidade. À noite, os bares e restaurantes. Eventualmente bailes nos clubes.

Quem gosta

Férias de julho na Barra do Corda só vai quem realmente gosta. Não há nada que o atraia. O brasileiro Uiratan Freitas diz que é bem melhor visitar a cidade em junho. "Pelo menos, há as festas juninas." E pergunta: "Em julho há o quê?"

Aproveite as férias

Para melhor aproveitar as férias em Barra do Corda é necessário usar sobretudo a criatividade, o improviso. A seguir, o "TB" dá algumas dicas.

Um bom bate-papo regado a cerveja gelada são encontráveis na área da praça Melo Uchoa. Os bares do Kaburitê, Colonial, do Limão e do Didi são alguns pontos-chaves.

À beira do rio Corda é outra boa pedida. Passear no balneário Boa Vista é uma opção. Lá é encontrável um bar com função também de restaurante. É recomendável alugar uma lancha, conhecida como voadeira, para apreciar a paisagem.

Outro local agradável é a Pousada do Rio Corda. Fica a 3

Km no Sítio dos Ingleses. Pode-se ir a pé.

Descendo o rio, há a Peixaria Mete-Mete. E em seguida o Porto das Pedrinhas, uma espécie de praia da cidade.

Para quem prefere almoçar um bom peixe, é recomendado a Peixaria do Nelson. Fica no bairro Araticum. Caso a opção seja churrasco, há a Churrascaria Pacheco, na Altamira. Self-services são encontráveis na rua Formosa, no centro.

À noite, não deixe de conhecer os locais da paquera, o Baião de Dois e Bar Aeroporto. Ambos na Altamira.

Serviço

Aluguel de voadeiras: Eraldo (643-1005)